

## **INTERDISCIPLINARIDADE: UM OLHAR ATRAVÉS DA FILOSOFIA DE PAUL RICOUER**

### **INTERDISCIPLINARITY: A LOOK THROUGH PAUL RICOUER'S PHILOSOPHY**

Regiely Aparecida Fernandes Santos<sup>1</sup>

Dr. Leonardo Lana de Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho é uma pequena reflexão sobre a visão da interdisciplinaridade do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), tendo como base principal seu livro História e Verdade. Para tais conceitos buscamos analisar quatro partes de seu livro, a partir das reflexões sobre a atividade histórica e as mudanças na civilização, assim reconhecer as práticas interdisciplinares apresentadas nos textos.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Filosofia. Paul Ricoeur.

#### **Introdução**

Jean Paul Gustave Ricœur (1913-2005) foi um grande filósofo contemporâneo, destacando-se na realização de grandes pesquisas nas várias áreas do saber e de forma apreciável descreveu textos e tradições de pensamentos diversos. Fez da sua filosofia uma filosofia interdisciplinar, onde pode dialogar entre vários períodos e diversos pensamentos, desde a interpretação bíblica à metafísica, da ontologia de Heidegger à hermenêutica de Gadamer, da Filosofia Analítica à Linguística, da Psicanálise à História.

Ricoeur perdeu os pais muito criança e foi criado pela sua tia, desde jovem ele tinha apreço pela leitura. Em 1936, graduado em Filosofia, criou a revista Être. Em 1939, foi preso pelos nazistas. Mesmo vivendo em uma época cheia de opressão, violência e sofrimento, Ricoeur não desistiu do conhecimento, de pesquisar os diversos saberes. Na prisão, junto com outros estudiosos, Ricoeur escreveu trabalhos, que posteriormente foram publicados.

Ricoeur sempre aberto para troca de conhecimentos com historiadores, filósofos, pensadores e quem estivesse interessado em dialogar. A partir desses diálogos, foram escritos livros, artigos, ensaios e conferências. Ricoeur tornou-se objeto de pesquisas em várias áreas das ciências humanas e da linguagem. Ao ler as concepções ricœuriana damos conta de um

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Humanas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus JK, UFVJM.

<sup>2</sup> Doutorado em Psicologia, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus JK, UFVJM.

vasto mundo textual, contra atuando com outros autores, mas, ao mesmo tempo, ele consegue demonstrar suas próprias concepções na obra.

Em sua proposta hermenêutica é tratada uma interpretação contextual e subjetiva, focada na compreensão de um fato, propondo uma filosofia baseada no sentido e significado da palavra diante de uma nova forma de entender o pensamento.

Este artigo tem como finalidade dissertar sobre o entendimento de interdisciplinaridade e a filosofia de Paul Ricoeur. Inicialmente, será esclarecido o conceito de interdisciplinaridade e temas próximos da relação interdisciplinar. A prática interdisciplinar relacionada com Ricoeur terá como base o livro História e Verdade, focando nos capítulos: Prefácio, Verdade no conhecimento da história, História da filosofia e historicidade, Palavra e práxis, Trabalho e palavra. O livro foi publicado em 1955 e traduzido para a língua portuguesa, no Brasil, em 1968.

O método utilizado no artigo é uma revisão, no qual será dividido em: conceito de interdisciplinaridade; em seguida, um breve resumo da obra de Ricoeur estudada; após, sua relação entre os textos indicados e a prática interdisciplinar; por último, as conclusões a respeito do trabalho.

### **Mas Afinal, O Que é Interdisciplinaridade?**

O tema interdisciplinaridade tem-se tornado muito delicado para uma definição correta, pois existem diferentes conceitos, podendo relacionar a interdisciplinaridade com um processo disciplinar, causando prejuízos por torna-la generalizada ou exigir demais. Por isso, é importante um conceito e estudos sobre o tema, para que não haja essa definição precoce.

Para estudar a interdisciplinaridade é importante saber que ela está relacionada à integração entre métodos, com uma troca de saberes entre pares, de diálogo entre as disciplinas, assim como ela, temos a pluridisciplinaridade ou multi e a transdisciplinaridade.

De acordo com o Nicolescu “a pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo” (1999, p. 10). Para melhor entender, podemos citar um encontro de professores de disciplinas diferentes em torno de um tema comum, onde cada um conserva a especificidade de seus conceitos e métodos.

A transdisciplinaridade marca uma distinção forte em relação às demais, como citado por Nicolescu,

a transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (1999, p. 11).

Um bom exemplo de transdisciplinaridade é apresentado por Paula (2010, p. 29) “O modo transdisciplinar é a idealização de um sonho, onde os sujeitos abandonam seus pontos de vista particulares de cada disciplina para produzirem um saber autônomo, de onde resultariam novos objetos e novos métodos”.

Já a interdisciplinaridade é um diálogo e troca de conhecimentos entre duas ou mais áreas.

Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; b) um grau epistemológico. Por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito; c) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática; os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica; os da matemática para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da informática para a arte, a arte informática. (NICOLESCU, 1999, p. 11).

Com isso, observamos que a interdisciplinaridade se trata de fato desse compartilhamento de saberes, de métodos, onde é preciso a cooperação entre ambas as partes, ao final dessa troca cada um leva algo de volta, pois a interdisciplinaridade é uma ligação real e recíproca entre dois ou mais campos do saber.

O livro *História e Verdade* é composto a partir da união de textos e artigos publicados e apresentados em conferências e eventos, sua primeira edição foi lançada em 1955. Nesses trabalhos Ricouer faz reflexões sobre atividade histórica, juntamente com a filosofia, e pelo movimento civilizatório pela busca da unidade. Os ensaios foram divididos em dois polos: um polo metodológico e um polo ético (RICOUER, 1968, p. 7). Veremos de forma resumida como ele realiza essa dinâmica, para depois relacionar a interdisciplinaridade com história e verdade de Ricouer.

### **Conceito da Atividade Histórica**

A primeira parte do livro, Ricouer intitula, “Verdade no conhecimento da história”, onde busca interpretar o sentido de história e sua relação com a verdade.

Não é preliminarmente uma interrogação silenciosa a propósito de nossa desencorajadora historicidade, a propósito de nossa maneira de viver e de resvalar pelo tempo, mas uma resposta a essa condição ‘histórica’: uma resposta pela escolha da história pela escolha dum certo conhecimento, dum vontade de compreender racionalmente, de edificar aquilo que Fustel de Coulanges chamava de ‘ciência das sociedades humanas’ e que Marc Bloch ‘empreendimento raciocinado de análise’. (RICOUER, 1968, p. 27).

Ricouer (1968) fala sobre seu percurso para realizar essa reflexão: “da objetividade da história à subjetividade do historiador; de uma e de outra à subjetividade filosófica” (RICOUER, 1968, p. 24). Como tratado pelo autor esperamos do ofício do historiador, uma organização de registros históricos, esse trabalho reflete no mister filosófico, onde há transmissão de um trabalho no qual busca um objetivo.

Aqui não compete ao filósofo dar lições ao historiador é sempre o próprio exercício de um mister científico que instrui o filósofo. É-nos, pois, necessário ouvir em primeiro lugar o historiador, quando reflete sobre seu mister, pois é este que é a medida da objetividade que convêm a história, como também é este mister que constitui a medida da boa e da má subjetividade que tal objetividade exige. (RICOUER, 1968, p. 25).

Já a objetividade pode ser entendida como o pensamento metódico elaborado, ordenado e com a finalidade de fazer compreender.

Deve a objetividade ser aqui tomada em seu sentido epistemológico estrito: é objetivo aquilo que o pensamento metódico elaborou, pôs em ordem, compreendeu, e que por essa maneira pode fazer compreender. Isto é exato quanto às ciências físicas, quanto as ciências biológicas; também é exato quanto à história. Esperamos, por conseguinte da história que ela proporcione ao passados das sociedades humana o acesso a essa dignidade da objetividade. (RICOUER, 1968, p. 23)

Segundo o autor “há tantos níveis de objetividade quantos procedimentos metódicos” (RICOEUR, 1968, p. 24), mostrando que a objetividade da história é diferente das ciências exatas, pois o historiador necessita ter uma subjetividade que é própria da objetividade da história.

Ricouer (1968) coloca a subjetividade do historiador como uma possibilidade de abordar a história a partir de “objeto”, ou seja, suprir e intervir sobre a objetividade incompleta da história.

uma subjetividade que seja precisamente apropriada à objetividade que convém à história. Trata-se, pois, duma subjetividade exigida, exigida pela objetividade que se espera. Pressentimos, por conseguinte, que existe uma subjetividade boa e uma subjetividade má, e esperamos que se faça uma separação entre a boa e a má subjetividade, pelo próprio exercício do mister historiador. (RICOUER, 1968, p. 24)

A boa subjetividade pode ser entendida como a subjetividade científica, pesquisada, com uma fortuna crítica. Já a má subjetividade é fundamentada em preconceitos, pré-julgamentos, sem ter uma crítica sobre a realidade.

O mister de historiador nos tinha parecido suficiente ao discernimento da boa e da má subjetividade do historiador: a responsabilidade da reflexão filosófica seria talvez de discernir a boa e a má objetividade da história; pois é a reflexão que nos assegura sem cessar que o objeto da história é o próprio sujeito humano. (RICOUER, 1968, p. 44).

É necessário que haja reflexão sobre a boa e má objetividade da história, pois:

Esse término da história dos historiadores no ato filosófico pode ter prosseguimento em duas direções: na direção de uma "lógica da filosofia" mediante a pesquisa de um sentido coerente através da história; na direção de um "diálogo", de cada vez singular e de cada vez exclusivo, com os filósofos e as filosofias individualizadas. (RICOUER, 1968, p. 36).

Ricoeur (1968, p.38) ainda completa:

Em suma, haverá o historiador de desconfiar da filosofia e, sobretudo, da filosofia da história. Temará que esta última esmague a história debaixo de seu espírito sistemático, que a mate como história. Oporá, portanto, a objetividade que tenha conquistado com a sua subjetividade de historiador, à subjetividade filosófica na qual o filósofo quereria engolir uma e outra. [...] Tais resistências e tal recusa do historiador são perfeitamente legítimas e nos revelam o verdadeiro sentido de uma história da consciência. Não tem o filósofo que pedi-la ao historiador; e se ele a pede ao historiador, este tem motivo para recusá-lo. Porque uma história da consciência é obra de filósofo, de historiador da filosofia, se se quiser: mas a história da filosofia é empresa de filósofo. (RICOUER, 1968, p. 38)

Em seguida o autor ressalta sobre o ofício filosófico relacionado à história;

O filósofo faz à história (a dos historiadores) um certo tipo de pergunta que manifesta "a escolha do filósofo", no sentido em que há pouco falávamos da "escolha do historiador". Versam estas questões sobre (sic) a emergência dos valores (sic) de

conhecimento, de ação, de vida e de existência através das sociedades humanas.  
(RICOEUR, 1968, p. 39)

### **Verdade na Ação Histórica: Verdade, Unidade, Ética, Poder e Violência**

“É pelo processo histórico que o problema da verdade diz respeito ao próprio movimento de nossa civilização e se presta a uma sociologia do conhecimento” (RICOEUR, 1968, p. 167). O filósofo faz reflexão quanto a questões relacionadas à verdade, unidade, ética, poder e violência.

Sobre a verdade histórica, Ricouer (1968) diz que ela nasce a partir de dois saberes; espiritual e o temporal. O desejo do homem por entendimento e estabilidade pode demonstrar a crença na verdade relativa ou a mentira. Na determinação das ordens de verdade, o autor aponta o plano científico e o ético. Para ele, a verdade científica é dada por;

Entretanto esta ciência, que reabsorve o homem como um objeto, pressupõe uma atividade científica e um homem-sujeito, portador e autor de tais atividades; a própria redução do homem ao estatuto de objeto só é possível no interior de uma vida de cultura que o envolve em sua praxis total. A ciência nunca ali está senão como "praxis" entre outras, uma "praxis teórica" como diz Hesserl, constituída pela decisão de afastar toda preocupação afetiva, utilitária, política, estética, religiosa, e pela decisão de só considerar verdadeiro o que atender ao critério do método científico. (RICOEUR, 1968, p.171)

Ricouer (1968) aponta três campos da verdade; perceber, saber e agir,

O percebido, com seu horizonte de mundo, envolve em um sentido o saber e o agir como o mais amplo teatro de nossa existência; os laboratórios, as aplicações da ciência -ao trabalho, ao bem-estar, à guerra - dão à ciência uma presença percebida, e desse modo ela se agrega à nossa vida e à nossa morte. (RICOEUR, 1968, p.171-172)

A busca pela unidade se daria a partir de cada uma e de todos esses campos unidos, do perceber, do saber e do agir, fazendo uma união entre essas diferentes realidades socioculturais.

É preciso antes de tudo que a filosofia da história se considere a si mesmo como a busca de uma unidade de sentido; não é esse o caso de todas as filosofias da história. Em compensação, desde que o filósofo da história põe em perspectiva todos os planos da verdade, todas as atividades culturais, em relação a um motivo condutor da história, ele se põe a exercer uma violência virtual em face das tendências divergentes da

história, mesmo se pensa apenas em compreender, e não em transformar a história.  
(RICOEUR, 1968, p.187)

Sobre o novo plano de verdade, Ricoeur (1968) relaciona-o a ação do homem, no plano da ética, “[...] a verdade ética é a resposta do homem ao progresso de seu saber, que a verdade ética, para dizer tudo, a própria vigilância de tal homem, no coração do mundo que lhe chega à percepção, no meio dos demais homens” (RICOEUR, 1968, p. 175).

Refletindo sobre a questão do poder, percebemos que ele está ligando a violência recorrente na história, onde muitos são passivos, mostrando que todos têm sua culpa e responsabilidade. “A história do homem parece então identificar-se à história do poder violento; na situação-limite, não é mais a instituição que legitima a violência, é a violência que gera a instituição, redistribuindo o poder entre os Estados, entre as classes”. (RICOEUR, 1968, p. 245)

### **Interdisciplinaridade e a Filosofia de Paul Ricoeur**

Ao ler o livro História e Verdade, percebemos que Ricoeur consegue passar diversas áreas e mostrar diferentes metodologias e perspectivas, assim para explicar a interdisciplinaridade na concepção dele, podemos dividi-la em grau epistemológico, por troca de conhecimentos, por aplicação e pela troca de análise.

Pensando em interdisciplinaridade pelo grau epistemológico, Ricoeur fala que para entender a história é preciso que analisamos o ofício do historiador e suas metodologias usadas, para iniciar sua reflexão ele cita Marc Bloch;

Devemos ser gratos a Marc Bloch por ter chamado “observação” a redescoberta do passado pelo historiador: retomando a expressão de Simiand<sup>3</sup>, que chamava a história um “conhecimento pelos vestígios”, mostra êle (sic) que essa aparente servidão do historiador de não se achar jamais em face de seu objeto passado, mas diante do respetivo vestígio, de modo algum desqualifica a história como ciência [...] (RICOEUR, 1968, p. 25).

Temos interdisciplinaridade, quando a troca de métodos entre as disciplinas estabelece uma pesquisa instigante no campo epistemológico de uma ou ambas, (NICOLESCU, 1999, p. 11). Ao longo das observações Ricoeur defende que o método do historiador, que um estudo pode contribuir com outro e vice-versa. “Eis a palavra suprema: o sentido. Pela história procuro justificar o sentido da história “da” consciência [...]. Espera o filósofo que certa coincidência

da vida “curta” do conhecimento de si mesmo e da voz “longa” da história o justifique.” (RICOEUR, 1968, p. 37).

Ricouer fala sobre as suposições dos historiadores da história, com história da filosofia:

Mas, uma vez que se compreendeu que essa tal história é uma composição de segundo grau, que ela é um ato de responsabilidade filosófica, e não um dado da história dos historiadores, e muito menos uma realidade absoluta, uma história em si, não se pode ver qual a objeção que o historiador de profissão ainda poderá fazer a semelhante empresa (sic). [...] Mais ainda, não contente de nutrir a história da filosofia, é a história dos historiadores uma permanente advertência contra os riscos de semelhante empresa (sic); lá está ela a recordar ao filósofo racionalista a importância daquilo que êle (sic) despreza, daquilo que êle (sic) se recusa a tematizar exatamente por causa de sua “opção de filósofo” racionalista; a história dos historiadores recorda ao filósofo sobre (sic) que contra-senso se baseia todo sentido. (RICOEUR, 1968, p. 39-40).

Como a filosofia precisa da história, temos um diálogo entre duas linhas diferentes, porém, com troca de métodos:

Essa dupla possibilidade de leitura filosófica é talvez instrutiva para o historiador de profissão; pois ela focaliza um paradoxo latente em toda (sic) a história, embora não venha a lume senão por essa retomada da história geral como uma história da consciência ou das consciências. (RICOEUR, 1968, p. 42).

Sobre os benefícios dessa troca de conhecimentos:

Não é esse (sic) o único benefício que o historiador possa talvez extrair da retomada filosófica de seu próprio trabalho; não é êle (sic) apenas esclarecido demasiado tarde a respeito das ambiguidades inerentes a sua empresa (sic), mas também sobre sua intenção fundamental. Com efeito, o ato filosófico fez (sic) surgir o homem como consciência, como subjetividade; esse ato tem valor de advertência e talvez também de toque de chamada para o historiador. Lembra ao historiador que a justificação de sua empresa (sic) é o homem, o homem e os valores (sic) que êste (sic) descobre ou elabora em suas civilizações. (RICOEUR, 1968, p. 44).

Na interdisciplinaridade por troca de conhecimentos, Ricouer procurou diferenciar a história da filosofia, da sociologia científica. Para esse diálogo ele teve que buscar em outros autores de linhas diferentes. Para que haja interdisciplinaridade, é preciso diálogo e troca de experiências, conhecimentos (PAULA, 2010, p. 28). A partir desse diálogo, Ricouer conseguiu determinar o percurso dessas disciplinas:

Não por acidente, mas por uma questão de princípios, não pode a sociologia do conhecimento encontrar senão “gêneros comuns”, e não “essências singulares”. É aqui que a história da filosofia ultrapassa a sociologia do conhecimento; a



compreensão exige que o filósofo historiador, abandonando toda (sic) “tipologia”, renunciando a visões panorâmicas sobre (sic) “correntes de pensamento”, se comunique de cada vez com uma obra singularizada; entendamos: não com a subjetividade do autor – o que seria livrar-se da sociologia para cair na psicologia – mas com o sentido da obra, conforme sua coerência interna; é esse (sic) sentido da obra, com seu desenvolvimento próprio, que constitui para o historiador da filosofia uma essência singular. (RICOEUR, 1968, p. 64).

Na segunda parte do livro Ricouer, demonstra a interdisciplinaridade por aplicação, onde ele faz reflexão de verdade, unidade, ética, poder e violência. Para o conceito de verdade, a filosofia passa por áreas do conhecimento diferentes:

Surge, pois, a verdade como algo que se vincula ao processo de verificação, isto é, às possibilidades instrumentais, à metodologia peculiar de determinada ciência (a qual determina um fato como físico, químico, biológico, psicológico, etc.) e ao método experimental em geral. (RICOEUR, 1968, p. 170).

Sobre a verdade empírica:

[...] constituída pela decisão de afastar toda (sic) preocupação afetiva, utilitária, política, estética, religiosa e pela decisão de só considerar verdadeiro o que atender ao critério do método científico em geral e da metodologia particular de tal ou qual disciplina. (RICOEUR, 1968, p. 171).

A ciência do filósofo “pressupõe uma atividade científica e um homem sujeito, portador e autor de tais atividades;” (RICOEUR, 1968, p. 171), a partir das ações do sujeito, surge um novo plano de verdade: “é o próprio plano de uma ética, no sentido mais geral da palavra.” (RICOEUR, 1968, p. 171).

Percebemos a interdisciplinar na interação entre o conceito de verdade a partir das ciências naturais, verdade existencial e a verdade ética.

Ao relacionar o Trabalho e Palavra, Ricouer (1968) diz; “a palavra não tem senão dois objetos: o próprio trabalho e a ideologia do Estado que constrói o socialismo” (RICOEUR, 1968, p. 221). E ainda completa:

Mas a palavra não é somente (sic) imperativa: é tempo de afastarmos as restrições impostas à análise por uma ficção inteiramente pedagógica; desse modo, uma reflexão sobre (sic) a ora supositiva da linguagem já excedia o quadro da palavra imperativa. A palavra que quer dizer, que procura compreender e aspira compreender, é também palavra dubitativa, palavra optativa, palavra poética. (RICOEUR, 1968, p. 210)

A palavra é “a raiz de um projeto de civilização, e até mesmo do projeto de uma civilização do trabalho” (RICOEUR, 1968, p. 224). A palavra permeia, constrói e é aplicável a todas as áreas. É a palavra que revoluciona (RICOEUR, 1968, p. 205).

Êsse (sic) vácuo das significações está sem dúvida na origem da miséria da linguagem e da miséria da filosofia; mas faz antes de mais nada a grandeza da linguagem, pois é por êsse (sic) vazio das significações que designam, mas não fazem, que a palavra articula e estrutura a ação. (RICOEUR, 1968, p. 209).

Neste sentido acrescenta o pensador:

Mas isto quer antes de mais nada dizer que em nossa condição humana finita, temos necessidade tanto do trabalho quanto da palavra, para nos colocarmos na linha de uma palavra criadora que somos (RICOEUR, 1968, p. 224).

Já a interdisciplinaridade por troca de análises, a verdade está ligada ao poder e a violência, para essa significação foi preciso dialogar com a teologia. De acordo com o autor: “a primeira manifestação histórica dessa unificação violenta da verdade – ou pelo menos a primeira a ser por nós considerada, pois não se trata de examinar até o fundo o problema do poder – acha-se vinculada à teologia (RICOEUR, 1968, p. 180).

Desse diálogo entre as duas disciplinas Ricouer (1968) cita:

[...] pode existir uma pregação indiferente à filosofia, mas não pode existir teologia sem referência filosófica, e essa referência não pode ser uma oposição nascente, ao menos de tipo metodológico [...] A teologia interfere com a cultura, não apenas pela sua maneira de compreender, mas por seu caráter de autoridade”. (RICOEUR, 1968, p. 182)

E ainda:

O filósofo e o teólogo anunciam cada qual algo de essencial, uma audácia da verdade e o outro a obediência à Verdade; mas talvez não seja possível achar-se cada qual de tal maneira curado a ponto de poder pronunciar autenticamente a verdade que lhe daria razão (RICOEUR, 1968, p. 185).

Assim vemos a interdisciplinaridade entre a troca de conhecimentos da teologia com a filosofia.

### Considerações Finais

Como citado por Ricouer (1968) no início do seu livro:

O título dado a estes ensaios parece ambicioso, se se esperasse uma abordagem sistemática dessas duas noções capitais: Verdade e História. A êle, entretanto, me apeguei, porque percebi ali não tanto um programa a ser aprofundado pelo pensamento, quanto uma intenção e um sentido de pesquisa; êste conjugado verbal - história e verdade -acompanha todos êsses , estudos, a deslocar lentamente seu próprio sentido e a eriquelo de contínuo com novas significações. (RICOUER, 1968)

Através da história, analisou o ofício do historiador, mostrando que a subjetividade e objetividade são complementares e estão presente em todas as ciências “A subjetividade do historiador, como tôda (sic) subjetividade científica, representa a vitória de uma boa subjetividade sôbre (sic) uma má subjetividade” (RICOEUR, 1968, p. 33). A história dos historiadores termina no ato filosófico, a história da filosofia, da consciência, para a pesquisa da verdade, “êsse (sic) processo sem fim da pesquisa contemporânea e da compreensão das épocas pretéritas [...]” (RICOUER, 1968, p. 56).

O filósofo determina limites entre a filosofia e a sociologia científica (RICOUER, 1968, p. 64). A partir de prática tecnológica, autor busca compreender a verdade, a partir de sua experiência,

Iremos dêsse modo encontrar um "círculo" nôvo: o do homem como objeto de ciência e do homem como sujeito de cultura. Surge concomitantemente um nôvo plano de verdade o que diz respeito à coerência da praxis total do homem, à ordem do seu agir: é o próprio plano de uma ética, no sentido mais geral da palavra. (RICOUER, 1968, p. 171)

Ricoeur (1968) através da linguagem analisa a palavra, sua operação, o poder de decisão, de “fazer fazer” (RICOUER, 1968, p. 208), estas características estão visíveis no ofício do historiador e no movimento civilizatório, usadas para formar as relações da vivências cotidiana do homem” (RICOUER, 1968, p. 223).

Contudo, percebemos que o autor passou por várias áreas do conhecimento para encontrar suas respostas. Durante suas viagens por outras disciplinas houve a troca de conhecimento, de método e análise, além de responder suas perguntas, foi possível apresentá-las e compartilhar para contribuição de novos estudos e novas indagações que podem surgir.

**Abstract:** This work is a small reflection on the interdisciplinary view of the French philosopher Paul Ricœur (1913- 2005), having as main base his book History and Truth. For such concepts we seek to analyze four parts of his book, from the reflections on the historical activity and the changes in the civilization, thus to recognize the interdisciplinary practices presented in the texts.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Philosophy. Paul Ricoeur.

### Referências

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. In: **Educação e Transdisciplinaridade**. CETRANS/UNESCO, p. 9-26, 1999.

PAULA, Adna Candido de. Interdisciplinaridade. In: SEVERO, Cristine Gorski; PAULA, Adna Candido de. **No mundo da linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 21-45, 2010.

RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Florence, p. 7-81, 167-292, 1968.